

Jose Fangueiro - Oral History

Date: October 27, 2012

Location: Clube dos Pescadores (Fishermen's Club), New Bedford

Interviewer: Gloria de Sá

Interviewee: José Fangueiro

GLORIA: O meu nome é Gloria de Sá, como disse. Hoje é sábado, dia 27 de Outubro e estamos no Clube dos Pescadores a entrevistar o senhor... Se não se importa, diz o seu nome para ficar gravado?

José: José Fangueiro.

GLORIA: E, Sr. Fangueiro, pode-me dizer a sua data de nascimento e onde nasceu?

JOSE: 21 de Outubro de 1945.

GLORIA: Portanto, teve um aniversário recentemente.

JOSE: Sim, sim.

GLORIA: E onde nasceu?

JOSE: Nasci em Matosinhos, Portugal, Matosinhos.

GLORIA: E agora vive...

JOSE: Nos Estados Unidos, vivo em New Bedford no 61 Seaview Terrace, em New Bedford.

GLORIA: Há quanto tempo é que vive lá?

JOSE: Há quanto tempo é que...?

GLORIA: Vive nessa casa?

JOSE: Nesta casa, vivo há seguramente 10 anos, 12 anos.

GLORIA: 12 anos...e é sua ou aluga?

JOSE: É minha, a casa é minha.

GLORIA: E, presentemente, qual é a sua profissão?

JOSE: Não faço nada, estou desempregado, estou como se diz em inglês *retired*. Reformado.

GLORIA: Reformado. E já está reformado há seis anos?

JOSE: Reformado seguramente há seis anos.

GLORIA: Quantos anos de escolaridade tem?

JOSE: A quarta classe.

GLORIA: E é cidadão americano?

JOSE: Sou cidadão americano.

GLORIA: Fala inglês?

JOSE: Não, não muito bem. Muito pouco.

GLORIA: Portanto em casa falam português?

JOSE: Em casa falamos todos português.

GLORIA: Pode-me dizer... falar do seu agregado familiar. Quem é que vive consigo? Quem...

JOSE: Vivo eu e a minha esposa, mas tenho duas filhas. Uma vive em Boston e a outra vive aqui em New Bedford; o marido é pescador também.

GLORIA: Pode-me dizer o nome da sua esposa?

JOSE: Marcolina Fanguero, ou seja, Marcolina Pereira. Por casamento é Fanguero.

GLORIA: E a sua esposa ainda trabalha ou está reformada?

JOSE: Não, a minha esposa não trabalha; está reformada.

GLORIA: E quando trabalhava o que é que fazia?

JOSE: Trabalhou na fábrica do peixe, mas parte da vida dela esteve a tomar conta das minhas filhas.

GLORIA: Portanto, o senhor disse que tem duas filhas, uma vive perto de Boston...

JOSE: Uma vive perto de Boston e a outra vive aqui em New Bedford.

GLORIA: E a que vive perto de Boston como é que se chama?

JOSE: Alice Maria, Alice Maria Pereira Fanguero.

GLORIA: E ela está a trabalhar lá, ou...?

JOSE: Está a trabalhar lá. Está a trabalhar. Para lhe ser sincero, nem sei qual é o trabalho dela, sei que ela tem um trabalho razoável.

GLORIA: E ela estudou?

JOSE: Estudou, tem o...tem o...como é que se diz...tem a escola alta.

GLORIA: *High school* ou foi para a universidade?

JOSE: Universidade.

GLORIA: E sabe o que é que ela estudou?

JOSE: *Business administration*.

GLORIA: Ok. E é casada?

JOSE: É solteira.

GLORIA: Solteira. E a outra que vive aqui, disse-me...

JOSE: A outra que vive aqui também tem a escola, também tem a escola alta.

GLORIA: Universidade?

JOSE: Universidade e também está com o curso de *business association*. *Business*.

GLORIA: E ela chama-se como?

JOSE: Bridget Fanguero.

GLORIA: Já nasceu aqui?

JOSE: Essa nasceu aqui.

GLORIA: Disse-me que é casada e que o marido é pescador...

JOSE: O marido é pescador.

GLORIA: Como se chama o marido?

JOSE: O marido chama-se Manuel Magalhães. Trabalha para o Carlos Rafael, é capitão dum barco chamado Hera, Hera.

GLORIA: E tem uma menina?

JOSE: E tem uma menina... Tenho uma neta, uma princesa.

GLORIA: Agora gostava que me falasse da sua vida... Da sua infância.

JOSE: A vida da minha infância começou por aos 14 anos ir para a pesca em Portugal. Andei na sardinha em Portugal, na pesca da sardinha, que é diferente da pesca aqui de New Bedford.

Não tenho conhecimentos largos de pesca em New Bedford da sardinha... Já houveram mas diferente da pesca que se lá... (Diferente trabalhar...) que se trabalhava lá.

GLORIA: Como era lá?

JOSE: Lá era com redes de cerco.

INTERVIEW INTERRUPTED

JOSE: Trabalhava-se com redes de cerco.

GLORIA: Estava-me a falar da sua infância, disse que foi para o mar com 14 anos para a sardinha e que essa pesca era diferente...

JOSE: Da de cá. A pesca de cá é diferente da de lá. A gente lá trabalhava com redes de cerco e aqui, segundo ouvi dizer, porque eu não tenho conhecimento dessa pesca cá, mas ouvia dizer que apanhavam a sardinha era com redes de arrasto. Redes de arrasto, que são diferentes das redes de cerco.

GLORIA: Como é uma rede de cerco?

JOSE: A rede de cerco é uma rede que é largada, e o barco vai de volta, até encontrar outra vez o princípio. Larga um barquinho pequenino com três homens dentro e vai dar uma volta larga para fazer um cerco até chegar ao barquinho pequenino que tem três homens lá dentro. Isso chama-se rede de cerco. Era com essa rede que a gente apanhava o carapau, o chicharro, a sardinha, o biqueirão, e outras qualidades de peixe.

GLORIA: Quantos dias é que andavam ao mar? Iam e vinham todos os dias?

JOSE: Em Portugal íamos para o mar à tarde; vínhamos no outro dia de manhã. No tempo que eu comecei, era de segunda a segunda; não havia sábados nem domingos; era todos os dias no mar, todos os dias. E, mas íamos e vínhamos todos os dias e depois havia o interregno da pesca que era o tempo da desova da sardinha. Isto acontecia em Janeiro. Em Janeiro fechava a pesca e só abria em Abril. Quer dizer que a safra começava a partir de Abril. Mais tarde, mais tarde, já nos anos 70s, então aí deram-nos o sábado. Mas no domingo íamos para o mar às 10 da noite. Vínhamos do mar no sábado de manhã e só íamos no domingo à noite. Isto era no tempo que eu andei na pesca da sardinha. Daí fui para a tropa.

GLORIA: Ah, sim? Portanto andou dos 14 aos 20 anos mais ou menos?

JOSE: Dos 14 até os 19; aos 19 fui para a tropa. Da tropa não queria voltar à sardinha; fui para o longo curso, mas no longo curso estrangeiro, não português.

GLORIA: Pode-me dizer o que é o longo curso?

JOSE: O longo curso são os barcos grandes que transportam mercadorias, quando digo barcos grandes, estou a referir-me a vapores, ou *estimas*.

GLORIA: Cargueiros?

JOSE: Cargueiros. Perfeito. Aí andei dois anos e em 1974 vim para a América.

GLORIA: Disse que era barco estrangeiro de que porto é que saía?

JOSE: Andei nos barcos estrangeiros. Os que andei eram todos dinamarqueses, todos da Dinamarca

GLORIA: Como é que conseguiu esse trabalho?

JOSE: Eu consegui esse trabalho através dum amigo meu que andava também nesse barco e eles precisavam de um tripulante e eu tive que, tive que ir como não tinha outra opção, porque sempre se ganhava mais alguma coisa. Fui embarcar a França, porque em Portugal não me deixaram embarcar. Fui ao consulado de Bordéus com um passaporte--com o passaporte que eu tinha--lá deram-me uma autorização que era marinheiro português autorizado a poder embarcar em barcos de estrangeiros; em Portugal isso não existia no meu tempo. E aí andei até vir para a América, em 1974.

GLORIA: Portanto teve que ir a Bordéus ao consulado português?

JOSE: Tive que ir a Bordéus ao consulado português, requerer uma autorização para poder embarcar em navios estrangeiros.

GLORIA: E depois regressou a Portugal ou embarcou?

JOSE: E depois embarquei lá em França nesse navio.

GLORIA: Em que porto?

JOSE: No porto de Bordéus.

GLORIA: No porto próprio de Bordéus?

JOSE: Bordéus.

GLORIA: Eu gostava de voltar atrás. Disse que foi para o mar com 14 anos; lembra-se da primeira viagem que fez?

JOSE: A primeira viagem que eu fiz, a gente vai com os olhos fechados, mas eu nasci à beira mar. Eu nasci a 50 metros da praia da sardinha. A minha mãe lidava com peixe, era compradeira de peixe, o meu pai era pescador, eu vivia a 50 metros da praia da sardinha. Estava em contacto todos os dias com a pesca e com o mar. Com o mar...

GLORIA: Nessa altura, como era a vida em Matosinhos?

JOSE: A vida em Matosinhos era muito difícil, a vida em Matosinhos... Matosinhos diziam que era a América de Portugal. Porque... A razão que diziam que era a América de Portugal era porque vinha de toda a parte de Portugal gente para Matosinhos.

GLORIA: Para trabalhar na pesca?

JOSE: Para trabalhar na pesca e para trabalhar na estiva, porque Matosinhos é Leixões. O porto de Matosinhos e o porto de Leixões é a mesma coisa, e como tal, vinha gente de toda a parte de Portugal para Matosinhos. Inclusivamente transmontanos, serranos... Os grandes negócios que existiam em Matosinhos eram dos transmontanos e dos serranos, que era as lojas e dos cafés. Em Matosinhos no meu tempo, que eu fui criado nunca houve... num compartimento de dez por dez, dez pés por dez pés, viviam um casal e dois e três e quatro filhos. A separação do casal para os filhos era uma cortina pendurada na parede; e ali dormiam todos, num quarto com dez por dez. Inclusivamente, alugavam-se galinheiros. Galinheiro é um pequeno barraco aonde se cria galinhas, e as pessoas que vinham doutros lados de fora de Matosinhos, que tinham necessidade de ter um telhado para dormir, iam aos donos da casa pedir o galinheiro para viverem lá. E ali viviam de segunda-feira a sábado, porque no sábado eles iam embora para as suas terras e então eles aí dormiam nas suas casas, porque eles viam para Matosinhos trabalhar de segunda a sábado, os que estavam ligados à pesca.

GLORIA: Eram mais homens ou vinham casais?

JOSE: Em princípio eram homens, mas as mulheres também vinham.

GLORIA: E o que é que as mulheres faziam?

JOSE: As mulheres trabalhavam nas fábricas de conserva, que havia muitas fábricas de conserva em Matosinhos – conservas da sardinha, e trabalhavam na praia da sardinha, no descarregamento do peixe. Era preciso salgar o peixe, não é? Salgar, arear; arear o peixe com sal para o peixe se manter hirto.

GLORIA: Interessante. Esfregavam-no com sal?

JOSE: Não. O peixe era vazado num cesto ou um cabaz para dentro numa caixa, e conforme estava a ser vazado, as mulheres punham sal pelo meio – areavam-no. Não era sal bastaste, era só arear para manter o peixe hirto, para o peixe não ficar mole. Isso era o trabalho das mulheres dos pescadores que andavam por Matosinhos.

GLORIA: O senhor disse que a sua mãe era compradeira de peixe...

JOSE: A minha mãe foi compradeira e também foi salgadeira, porque havia salgadeiras e havia as mulheres que carregavam as caixas de peixe.

GLORIA: Para onde?

JOSE: Para dentro das camionetas para as pessoas que levavam para Braga, Guimarães, para Barcelos, para toda a parte de Portugal saia peixe de Matosinhos, e o peixe saia dali areado. Então, como tal, havia mulheres para pegar nas caixas e havia mulheres para arear o peixe;

chamavam-se salgadeiras. Tenho uma irmã presentemente em Portugal que está a fazer a função da minha mãe, que é a mesma coisa, tem uma barraca de sal em Portugal, em Matosinhos, e o trabalho dela é vender sal e salgar o sal – e salgar o peixe.

GLORIA: Interessante. Pensei que agora como há gelo não se usasse o sal já tanto.

JOSE: Presentemente eles usam mais o gelo, não sei por que é, mas tenho ouvido dizer que isso é mais rentável. Mas no tempo em que eu fui criado não havia gelo, era só sal.

GLORIA: Portanto o senhor disse-me que fez a quarta classe, entrou para a escola com sete anos?

JOSE: Sete anos. A idade escolar era sete anos, não se podia entrar para a escola com menos de sete anos.

GLORIA: Depois quando saiu da escola ainda andou ali uns anos sem poder... Ainda não tinha idade de trabalhar...

JOSE: Mandaram-me para uma escola, para a escola de pesca um ano e tal, um ano e pouco. Mas, a bem que a verdade se diga, fui expulso da escola.

GLORIA: Ah sim!/? E a escola era onde? Era em Lisboa?

JOSE: A escola de pesca era em Matosinhos. A escola de pesca era uma escola de formação para indivíduos da pesca local. A pesca local. A Escola de Pesca de Matosinhos.

GLORIA: E o que é que se aprendia?

JOSE: Aprendia-se a fazer nós. Aprendia-se a conhecer as redes de emalhar o peixe; toda a qualidade de redes; mais nós, e conhecer as redes. E ter um bocadinho...

GLORIA: Reparar as redes?

JOSE: E ter um bocadinho de conhecimentos de pesca. Atar redes. No meu tempo não se ensinava a atar redes, era mais baseado em nós, fazer nós e ter conhecimento do que era a vida da pesca local.

GLORIA: E isso consistia em...? Como era, tipos de peixe, como apanhar...?

JOSE: Como apanhar, como apanhar as redes para apanhar peixe; redes de emalhar do fundo, redes de emalhar flutuantes; ter conhecimentos dessas redes.

GLORIA: Sim, sim. Porque é que foi expulso? Disse que foi expulso da escola de pesca...

JOSE: Fui expulso da escola por faltas. Eu gostava mais de jogar a bola do que andar na escola. E então, um senhor...um senhor patrão-mor viu o interesse que eu tinha pela escola, por a escola de pesca, e expulsou-me da escola.

GLORIA: Então durante os seus tempos livres jogava à bola...?

JOSE: Durante os meus tempos livres vadiava. Não fazia nada; vadiava.

GLORIA: E por onde é que vadiava?

JOSE: Na praia; sempre na praia da sardinha. Sempre pela praia da sardinha. Porque eu vivia há 50 metros da praia, 100 metros, vá lá, da praia.

GLORIA: A praia era só de pesca ou iam banhistas também?

JOSE: Pesca. A praia era só de pesca porque havia a praia dos banhistas, mas eu ligado à pesca que estava só queria era a praia da pesca, nem me importava muito com a praia dos banhistas.

GLORIA: E qual era o atractivo da praia da pesca para si, o que é que lhe interessava?...

JOSE: O atractivo da praia da pesca é que o meu pai era pescador, os irmãos dos meus pais – a família do meu pai era todo pescadores, e tal estava no sangue, estava no sangue a pesca. Eu sou o único pescador da minha família; tenho mais cinco irmãos e o único pescador sou eu.

GLORIA: Então os seus irmãos são irmãos ou irmãs?

JOSE: Tenho cinco irmãos e uma irmã.

GLORIA: Quando eram assim jovens o que é que vocês faziam? Portanto o pai andava à pesca durante...de...todos os dias, não era?

JOSE: O meu pai andava à pesca todos os dias e a minha mãe estava, a minha mãe estava na praia.

GLORIA: Também todos os dias?

JOSE: Todo o dia, de manhã à noite.

GLORIA: Quem tomava conta da casa? Quem fazia...

JOSE: Até a minha irmã ser mais velha, era a minha irmã que tomava conta da casa e de nós, e dos meus irmãos. E quando a minha mãe vinha a gente reunia-se todos.

GLORIA: A sua mãe é que fazia o jantar ou era a sua irmã?

JOSE: A minha mãe fazia o jantar e fazia o almoço.

GLORIA: Ah sim, vinha a casa fazer o almoço?

JOSE: Até a minha irmã ser adulta, até a minha irmã ser maior, depois da minha irmã ser maior já era a minha irmã que fazia.

GLORIA: E os irmãos o que é que faziam? Qual era o papel deles?

JOSE: Os meus irmãos? Os meus irmãos foram criados como eu fui criado. Nenhum deles é pescador. Tenho dois irmãos que foram carpinteiros. Um foi... trabalha em coisas da pesca, ligadas à pesca também. E como eu disse, a minha irmã está ligada à pesca.

GLORIA: Sim senhor. Perguntei se se lembrava da primeira viagem ao mar...

JOSE: É muito escuro. É difícil lembrar a primeira viagem, porque a gente vai no meio de 40 homens. O barco que a gente ia à pesca da sardinha era eu e mais 40 ou 41 ou 42. E eu cheguei a andar num barco com 40-45 homens abordo do barco. Numa cama de..., numa cama de seis pés... Numa cama de seis pés de largura dormíamos três homens.

GLORIA: Então dormiam, não estavam... também não estavam... acordados toda a noite?...

JOSE: No tempo de viagem. No tempo de viagem dormíamos, se a viagem fosse de 5 horas, 5 horas dormíamos. Havia guarda... havia quartos...

GLORIA: Turnos, não é?

JOSE: Havia turnos; seis homens de cada turno. Seis homens a cada turno. E era de... E era de... Era por dia. Era por dia aqueles três homens. Estavam divididos; estavam ocupados para fazer aquela guarda de seis em seis horas ao dia.

GLORIA: Seis horas. E para onde iam pescar?

JOSE: Íamos pescar para Espanha mas regressávamos a Leixões. Quando íamos para Espanha regressávamos a Leixões, e no geral pescávamos na costa toda Portuguesa até Lisboa. Lisboa ao sul. De Lisboa para lá nunca fui. O máximo que cheguei foi a Lisboa. Por exemplo, a partir de Lisboa para o sul. Íamos para Aveiro, para a Figueira, para Peniche. E para o norte íamos para a Póvoa de Varzim, Viana do Castelo, La Guardia, Espanha, Vigo em Espanha, mas quando íamos para Vigo ou para La Guardia não podíamos descarregar peixe.

GLORIA: Tinham que descarregar em Portugal?

JOSE: Não se podia descarregar peixe, só podíamos entrar lá para fugir ao mau tempo, mais nada.

GLORIA: Portanto... Mas quando pescavam, digamos ao largo da Póvoa de Varzim, descarregavam na Póvoa de Varzim?

JOSE: Se houvesse... Se houvesse... Se houvesse interesse no preço do peixe podíamos ir descarregar à Póvoa de Varzim, podíamos ir descarregar a Viana de Castelo, como podíamos vir para, para Aveiro ou para a Figueira ou para Peniche, conforme o preço fosse melhor. Mas no geral, 90% das vezes era sempre em Matosinhos--Leixões. Mais conhecido é Leixões.

GLORIA: Então depois de andar na pesca, disse-me que foi para... foi fazer o serviço militar. Fez o serviço militar onde? Foi para o Ultramar?

JOSE: Não. Fiz o serviço militar todo na polícia militar em Lisboa. Aí estive dois anos, dois anos e mais qualquer coisa, em Lisboa, na polícia militar; fui um dos felizardos que não foi para o Ultramar, em 1966.

GLORIA: Nessa altura já era casado? Ou ainda era solteiro?

JOSE: Solteiro.

GLORIA: Quando é que se casou?

JOSE: Em 1974. Casei-me em Abril de 1974.

GLORIA: E a sua esposa era também era de lá, de...

JOSE: A minha esposa também é de Matosinhos.

GLORIA: E depois? Veio pouco tempo depois ou nessa altura foi quando veio para aqui, ou já estava aqui?

JOSE: Ai, desculpe. Perdão. Eu casei em 1970 não foi em 74; em 1970. Em Abril; em Abril de 1970. Assim é que é. Não 74. Em 74 vim para os Estados Unidos.

GLORIA: Conte-me como foi isso. Como é que acabou por vir para aqui?

JOSE: Vim para aqui porque os meus sogros estavam cá e aqui ganhava-se melhor do que se ganhava em Portugal. A vida aqui era mais fácil do que lá. O trabalho aqui era um quarto do trabalho daquele que eu levava em Portugal; ganhava mais; era uma vida melhor.

GLORIA: Portanto, veio através dos seus sogros.

JOSE: Vim através dos meus sogros.

GLORIA: Portanto, antes de... Os seus sogros já estavam cá quando o senhor se casou?

JOSE: Os meus sogros estavam cá quando eu me casei; eu casei-me com eles cá; com eles cá. O meu casamento foi lá. A minha esposa estava lá. A minha esposa não casou comigo para vir para cá. A gente estávamos lá. Conhecemo-nos. Éramos vizinhos. Éramos vizinhos, namorámos e casámos. Entretanto os meus... Antes disso os meus sogros vieram para cá.

GLORIA: E ela veio também ou...?

JOSE: Não. Ela ficou lá. Ela ficou lá solteira. Ah!... Ela ficou lá. Não, ela ficou lá casada. O meu sogro estava cá e a minha sogra estava é que estava lá.

GLORIA: E o seu sogro era pescador aqui também?

JOSE: O meu sogro era pescador aqui.

GLORIA: Conte-me das suas primeiras impressões quando chegou cá.

JOSE: As minhas impressões quando cheguei a New Bedford foram as piores que podia existir.

GLORIA: Como assim?

30:00 MINUTE MARK

JOSE: Era uma cidade muito escura; edifícios todos escuros; pouco movimento em relação ao lugar de onde eu vinha. Porque do lugar que eu vinha era um lugar de muito movimento em, como eu digo, que Matosinhos era considerado pelas pessoas que lá viviam, de fora, a América de Portugal. Estão aqui em New Bedford, presentemente, muita gente da Figueira, do Algarve que passaram por Matosinhos, da Murtosa que passaram por Matosinhos. Como tal, Matosinhos era uma cidade, era um lugar, era uma vila, de muito movimento, e quando eu cheguei aqui e deparei com o pouco movimento, prédios muito escuros, uma vida muito fechada, estranhei bastante. Fui-me habituando... Estou bem; trabalhei para isso. Estou bem. Gosto de cá estar e espero cá continuar.

GLORIA: Portanto o seu sogro veio para cá porque tinha, conhecia alguém ou como é que ele veio para aqui?

JOSE: Essa parte eu não tenho conhecimento.

GLORIA: Quando chegou cá, foi logo para o mar?

JOSE: Quando cheguei cá, esperei seguramente um ano para fazer a primeira viagem. E essa primeira viagem foi para Newport, que é um porto aqui perto, e fui lá fazer duas viagens. A primeira viagem, naquele tempo, deram-me cento e cinquenta dólares para oito dias de mar, e a segunda deram-me duzentas e tal mais ou menos os mesmos dias, e eu fiquei contente. Porque naquele tempo, cem dólares, cento e não sei quantas dólares, já seria talvez o ordenado semanal das pessoas aqui em New Bedford. Como tal, fiquei contente.

GLORIA: E esse... Foi no mesmo barco fazer essas duas viagens?

JOSE: Foi nesse, foi no mesmo barco.

GLORIA: Como é que se chamava o barco?

JOSE: Era um barco que agora não lhe sei dizer o nome, mas era um barco parecido com os barcos do sal que havia no Rio Douro.

GLORIA: E o que é que pescavam?

JOSE: Condições do barco eram muito más. As condições do barco eram más, mas era as condições que havia e quem lá andava tinha que se sujeitar.

GLORIA: Era barco de portugueses ou...?

JOSE: O barco era de um senhor que era português, que já cá estava há muitos anos, falava muito mal português mas dava para compreender.

GLORIA: Como é que ele se chamava, lembra-se?

JOSE: Não tenho ideia agora.

GLORIA: E que tipo de peixe é que apanhavam?

JOSE: Apanhávamos... em inglês é o *yellowtail, flounder*, o bacalhau e arinca, e a lagosta.

GLORIA: Como é que foi essa primeira viagem, lembra-se como é que foi?

JOSE: Foi boa, foi boa porque eu tinha as ilusões, tinha as ilusões que ia ganhar muito dinheiro. E quando a gente tem ilusões o pouco que se ganhe já não é muito mau.

GLORIA: Mas não estranhou as condições a bordo...?

JOSE: Uma vida diferente, a vida é diferente. Uma vida diferente da vida que eu tinha em Portugal, porque a vida de Portugal, como eu disse, era uma vida de cerco (as redes de cerco) e aqui era uma vida de arrasto. Arrasto é uma rede que vem atrás do barco a ser rebocada.

GLORIA: Voltando à sua chegada aqui: Portanto, chegou aqui em que data?

JOSE: Cheguei aqui, se a memória não me falta, em Agosto de 1974.

GLORIA: E depois foi viver... Alguém lhe arranjou casa?

JOSE: Fui viver com os meus sogros. Aí vivi com os meus sogros.

GLORIA: E onde é que viviam?

JOSE: Na County Street. Vivi no County Street com os meus sogros. Aí vivi talvez uns 25 anos, na mesma casa. Tive a felicidade de nunca trocar de casa. Só troquei de casa no dia que comprei a casa para mim. E como sou ligado ao mar, quis a casa em frente ao--perto do mar. É onde eu estou a viver; perto do mar.

GLORIA: Sente essa afinidade pelo mar?...

JOSE: Sempre. Nasci à beira do mar, tenho essa afinidade pelo mar. Gostaria de continuar a andar ao mar. Desisti de andar ao mar por desilusão da pesca, dos novos regulamentos. Vendi o meu barco, que era meu e de um senhor chamado Zé Pires. O barco chamava-se Luso American I, que é um Português na América, e comprei esse barco... Esse barco já existia, mas eu comprei esse barco em 1987, à sociedade com o Zé Pires. E tive esse barco até o ano de 2000 e.... 6 ou 2008. 2006. Não preciso bem a data. 2006, talvez. Seis, 12... Não, menos. Menos. 2002, 2002. Se a memória não me falha, 2002. Vendi o barco por desilusão pelos os novos regulamentos da pesca. Porque, não que eu tivesse medo dos novos regulamentos, mas já não

estava com cabeça para os novos regulamentos. Não fui criado com os regulamentos da pesca. Fui criado apanhar o peixe que eu queria, quando queria, e como queria. Porque no tempo que eu fui criado havia tamanhos de peixe, mas não havia limites de peixe. O que até certo ponto concordo com os limites do peixe, mas os novos regulamentos não estava à minha altura.

GLORIA: Era difícil saber...?

JOSE: Adquirir os novos regulamentos. Assustei-me; assustei-me dos novos regulamentos.

GLORIA: Disse que era sócio do José Pires, esse José Pires era o que tinha uma escola de condução?

JOSE: Condução.

GLORIA: Foi com ele que eu aprendi a conduzir. Mas antes disso trabalhou então, depois de fazer essas duas viagens a Newport, passou a trabalhar aqui em New Bedford?

JOSE: Trabalhei em New Bedford. Trabalhei em New Bedford num barco chamado Imigrante. Trabalhei num barco chamado Tina Maria. Trabalhei noutro barco chamado Trident. E trabalhei com as pessoas da sua família, com o José Cardoso e com o Fernando Cardoso no barco chamado Southern Crusader. Tenho uma história... Quer que a conte?

GLORIA: Gostava muito de ouvir.

JOSE: Eles fazem parte da sua família e eu tenho uma história com eles. No *storm* que foi o Irene Ilda, que era um barco de New Bedford, ao fundo, em que nesse barco morreram quatro pessoas ou cinco pessoas, nesse *storm* a gente estávamos no mar e eu estava com os Cardosos, com o Fernando Cardoso e o José Cardoso no barco Southern Crusader. E viemos para vir para casa, e ao chegar ao Round Shoal Buoy, que é o princípio da entrada, de quem vem para New Bedford, estava muito mau tempo já, e o José Cardoso, tio do Fernando Cardoso, disse “Ó Fernando, não te metas ao Round Shoal Buoy boia porque está bastante mau tempo.” Mas o Fernando Cardoso, teimoso que era, como o tio, que também era teimoso, (Foi um bom pescador mas era um homem muito teimoso. Dizem os antes... Dizem os antes de mim que eu nunca trabalhei com ele, só trabalhei com ele no Southern Crusader.) E a gente quando se meteu à barra apanhámos duas vagas de mar muito grandes, que estivemos quase perdidos, e por indicação do Fernando – do Zé Cardoso – a gente conseguimos fugir dali e fomos pôr-nos à revessa dum monte perto de um regato ou de uma passagem chamada Pollock Rip. Pollock Rip é o nome em inglês, que é o nome mesmo dessa passagem, e aí estivemos à revessa do mau tempo. E quem estava de vigia era o Zé Cardoso, tio do Fernando Cardoso, dono do barco e capitão do barco. E nós estávamos a descansar. Quando o nosso espanto de manhã acordamos, já estávamos fora de perigo, dentro da baía em frente a Nantucket. E foi a nossa peripécia quando de manhã chegamos a casa tivemos a notícia de que o Irene Ilda tinha ido ao fundo com esse mau tempo.

GLORIA: Então ele era bom navegador, conhecia o mar?...

JOSE: O Zé Cardoso era um bom navegador. Era um homem com muita experiência.

GLORIA: Para além desse encontro com o mau tempo, tive outros? Outras experiências com tempestades?

JOSE: Experiências o pescador tem-nas todos os dias que está no mar. Agora está um bocadinho diferente. Porque nos anos 80s, 70s e 80s e muito mais, a gente tinha as experiências dos maus tempos nos invernos. Porque agora está diferente – o limite da pesca, o limite de dias, faz com que os barcos com o mau tempo venham para casa, e no tempo dos 70s e dos 80s não havia limites de pesca, nem havia limites de dias; e a gente ficava no mar e apanhava todos os maus tempos que podia vir. Fugíamos aos *hurricanes*,¹ aos outros maus tempos não fugíamos; ficávamos sempre lá. Quando eu me refiro a maus tempos são mau tempos de 40, 50, 70 milhas de vento – 15, 20, 20 e mais pés de mar. A gente ficava lá porque não havia limites de pesca nem havia limite de dias. Chegávamos a estar quatro e cinco dias à deriva no mar, para fazermos *trepo*² em doze, treze dias. Era a vida.

GLORIA: Nessa altura quantos homens é que levavam?

JOSE: Seis homens, levávamos seis homens.

GLORIA: E normalmente iam por 10-12 dias?

JOSE: O normal era oito a dez dias. Saíamos ao mar por oito a dez dias.

GLORIA: Depois estavam em terra quanto tempo?

JOSE: Estávamos em terra três dias. Pela união³ eram três dias que tínhamos que estar em terra. Há ocasiões que a gente nem os três dias estávamos, mas outras ocasiões que estávamos em terra quatro e cinco.

GLORIA: Fale-me da união. Portanto, nesses primeiros anos que o senhor andou à pesca andou em barcos que tinham união?

JOSE: Que tinham união.

GLORIA: Depois nos anos, nos 70, princípio dos anos 80 houve uma greve...

JOSE: Exacto. Nos anos 70, 70 e tais, 70 e mais, perto dos 80s houve greves de... por causa do preço do peixe, e das uniões que quiseram trocar.

GLORIA: Pode-me falar disso? Sabe quais eram os factores que levaram à greve?

45:00 MINUTE MARK

JOSE: Os factores que levavam à greve, era os factores do peixe não dar dinheiro e do pescador nas descargas estar a ser enganado consecutivamente. Porque, por exemplo, apostavam no

¹ Furacões.

² Aportuguesamento do inglês *trip* (viagem).

³ Aportuguesamento do inglês *union* (sindicato).

peixe um número, íamos para a porta da fábrica tirar o peixe e davam-nos outro — inferior ao que nos compraram no *aucochim*.⁴ E a união, impunha-se mas infelizmente pouco podia fazer.

GLORIA: Esse foi um dos motivos da greve?

JOSE: Esse foi um dos motivos da greve.

GLORIA: Mas depois dessa greve, se me a minha memória não me falha, houve muitos barcos que deixaram de pertencer à união...

JOSE: Sim, depois dessa greve houveram muitos barcos que deixaram de pertencer à união porque a união também pouco ou nada fazia pelos pescadores. Este também foi um dos motivos que os patrões deixaram de ter interesse pela união. Porque nos anos 70 e 80s tudo o que era barco em New Bedford, tanto faz ser do peixe como da *escalopa*⁵ pertenciam todos à união ou quase todos à união. Houve uma desilusão muito grande com a união. Sendo a união uma união muito forte, que era a união dos *teamsters*,⁶ e pouco ou nada fazia pelos pescadores. Se a bem da verdade se diga, pelos pescadores pouca gente tem feito alguma coisa. Muito pouca gente tem feito alguma coisa pelos pescadores. Os pescadores têm sido na vida, na vida geral, no mundo inteiro, umas..., umas bóias lançadas ao mar que andam ao favor de toda a gente. Andam ao favor dos mares, ao favor do vento; assim é um pescador. Não tem, nunca teve; não tem força nenhuma. A que se deve o facto? Não sei. Talvez seja por ser pescador e por a vida do mar ser uma vida de ondas, altos e baixos sem lei ou... Pouca gente tem feito alguma coisa pelos pescadores.

GLORIA: Em que ano é que o senhor comprou o seu primeiro barco?

JOSE: Eu comprei o meu primeiro barco em 1987.

GLORIA: E foi...?

JOSE: O Luso-American I.

GLORIA: Nessa altura era fácil comprar barcos?

JOSE: Não era fácil, em 1987 não era fácil. Não era difícil; precisava uma oportunidade. Ser capitão ou um mestre, como se diz, ser um mestre, e ter algum dinheiro seu para por em baixo, comprar o barco e o banco financiava. Como financia uma casa.

GLORIA: Portanto fica hipotecado ao banco...?

JOSE: Sim.

GLORIA: Nessa altura qual era o custo médio dum barco?

⁴ Aportuguesamento do inglês *auction*, leilão.

⁵ Aportuguesamento do inglês *scallop*, vieira.

⁶ The International Brotherhood of Teamsters é um sindicato de trabalhadores.

JOSE: Nessa altura o custo médio de um barco era quatrocentos mil dólares. Daí para cima. Quatrocentos mil dólares. No ano que eu comprei. Porque nos anos anteriores de eu comprar, ouvi dizer, não tenho conhecimento, vou arriscar um número, eles compraram barcos feitos no estaleiro por trezentos mil dólares. Não é que eu visse; ouvia dizer. Não é que eu possa provar.

GLORIA: Eu compreendo. Nessa altura havia muitos portugueses com barcos?

JOSE: Sim. A costa... A frota maior que havia em New Bedford era toda portuguesa. A frota maior da pesca do peixe. Do peixe, o número maior era portugueses.

GLORIA: E agora?

JOSE: Agora continua a ser portugueses porque os americanos já poucos existem. Há um senhor, há um senhor que é dono da frota toda aqui (ou quase toda) de New Bedford.

GLORIA: Que é o Sr. Carlos Rafael...?

JOSE: É o Sr. Carlos Rafael.

GLORIA: Quantos barcos é que ele tem agora?

JOSE: Eu ouvi falar, não tenho a certeza, 44 ou 45 barcos.

GLORIA: Não são todos arrastões?

JOSE: Não são todos arrastões. Ele tem uns quantos *scallopers*, mas o número maior é arrastões.

GLORIA: Nos barcos de *escalope* há muitos portugueses ou há poucos?

JOSE: Nos barcos de *escalopes* o maior número de pessoas que lá há são americanos; americanos...

GLORIA: São noruegueses?

JOSE: Mexicanos, noruegueses... Portugueses, na vida do *escalope*, há alguns, mas não são muitos.

GLORIA: Durante a sua experiência na pesca, os portugueses que andavam à pesca de que... Qual era as origens deles, eram continentais, eram açorianos...?

JOSE: No tempo que eu fui...

INTERVIEW INTERRUPTED

GLORIA: Estava-lhe perguntar das origens, sobre as origens dos pescadores portugueses...

JOSE: Era mais continentais. A origem das pessoas da pesca, no meu tempo era mais continentais, embora houvesse açorianos, mas o número maior era continentais – da Murtosa,

da Figueira, do Algarve; de toda a parte de Portugal, mas o numero maior era da Murtosa e da Figueira.

GLORIA: Como é que era uma viagem típica? Pode-me contar como era uma viagem típica do princípio ao fim?

JOSE: Uma viagem do princípio ao fim...?

GLORIA: Sim, sim, começando com os preparativos para uma viagem.

JOSE: É tirar o gelo, é meter a comida, e preparar o barco. Chama-se isto preparar o barco.

GLORIA: Quantas toneladas de gelo?

JOSE: Toneladas de gelo eram de 18 a 22 toneladas de gelo no normal.

GLORIA: Galões de gasóleo?

JOSE: Galões de gasóleo era na média de quatro, cinco mil galões de gasóleo. A *estoa*⁷ custava mil, mil e poucos dólares. E aí seguia viagem.

GLORIA: Quem era responsável por fazer a *estoa*, era o cozinheiro?

JOSE: O cozinheiro era responsável pela *estoa*, o gasóleo era o motorista e o dono do barco.

GLORIA: E o gelo, a água?...

JOSE: Era da responsabilidade do capitão ter que ir pôr o gelo à fábrica do gelo, aí havia uma orientação entre o capitão e a companha para saber que quantidade de gelo que havia de pôr e faziam o calculo entre 18 e 22 toneladas de gelo.

GLORIA: Depois metiam gelo e...?

JOSE: Metiam o gelo e seguiam viagem. Para oito dias, nove dias, dez dias, onze dias. Nos anos anteriores até se chegava a fazer 13 e 14 dias, e ali estavam seis homens. Nos tempos actuais são quatro. Quatro homens. Mas antigamente era seis homens. Seis homens porque deve-se ao facto que havia muito bacalhau e era necessário homens para trabalhar no bacalhau e no peixe.

GLORIA: Para amanharem?

JOSE: Para arranjar o peixe, para amanharem, para o gelar... E havia... Hoje há menos captura de bacalhau, mas também há menos homens, porque os homens estão a fugir da pesca. Rapazes novos já poucos vão para a pesca. Os velhos estão-se a reformar... E hoje, hoje não há homens para a pesca.

⁷ Aportuguesamento do inglês *store*, mercearia.

GLORIA: Porquê?

JOSE: Porque os homens não ganham bastante dinheiro. Não ganham bastante dinheiro e depois porque a imigração fechou, também. A imigração fechou, daí a causa que não haja muita gente na pesca.

GLORIA: Está a falar em termos de imigração portuguesa?

JOSE: Imigração portuguesa.

GLORIA: Portanto, agora há outros grupos a entrarem na pesca, outros grupos étnicos?

JOSE: Há outros grupos mas não são para a pesca do peixe, porque eles experimentam a pesca do peixe mas não se dão na pesca do peixe, fogem mais para o escalope; para a pesca do escalope.

GLORIA: E isso deve-se a quê, na sua opinião?

JOSE: É que eles fogem mais para a pesca do escalope? Porque na pesca do escalope ganham mais. Ganham muito, muito mais. Ganham numa viagem ou em duas viagens, vá lá, o que um barco do peixe não consegue ganhar (alguns não são todos), não consegue ganhar num ano. Um barco de escalope ganha em duas viagens o que um número grande das *dragas*⁸ não consegue ganhar num ano.

GLORIA: Durante... O senhor estava-me a contar como que é que era uma viagem típica e depois desviámo-nos da rota. Portanto: iam..., metiam gelo e depois iam para..., para o lugar onde iam pescar.

JOSE: Depois íamos para a aventura.

GLORIA: Sim? Como era?

JOSE: A aventura podia ser a 16 a 20 horas de viagem. Aí lançava-se as redes ao mar e aí continuava a festa.

GLORIA: Então faziam normalmente quantos arrastos por dia?

JOSE: Por dia depende. Normalmente a gente dava três horas de arrasto. Com 30 minutos para manobras, são três horas e meia. Sete arrastos, seis arrastos, sete arrastos por dia, a três horas. Hoje já não se faz isso, hoje já se dá arrastos a cinco e a seis horas.

GLORIA: Por que há menos peixe?

JOSE: Por que há menos peixes e obriga a andar a arrastar mais tempo.

GLORIA: E faziam então também turnos, não era?

⁸ Aportuguesamento do inglês *dragger* (arrastão).

JOSE: O capitão fazia... O mestre faz... das oito, ou seja, da meia-noite ao meio dia e depois vai descansar. No meu tempo, no meu tempo! Do meio-dia até às seis da tarde é o contramestre, o *mate*; das seis da tarde à meia-noite é o mestre; de seis em seis horas. E os tripulantes a mesma coisa. Hoje é diferente.

GLORIA: Como assim?

JOSE: Hoje é diferente. Hoje os tripulantes fazem todos em baixo (todos a dormir) e todos acordados. Menos o contramestre e o mestre que se fazem intervalos um ao outro. Mas também há barcos que são todos acordados e todos a dormir da seguinte maneira: cada um vai fazer uma guarda de três horas e o resto está a dormir.

GLORIA: Talvez porque são menos têm que trabalhar todos ao mesmo tempo?...

1:00 HOUR MARK

JOSE: São menos homens, têm que trabalhar em mais colaboração uns com os outros, hoje. No meu tempo não era assim. No meu tempo era seis horas: seis horas o mestre e seis horas o contramestre e seis horas uma guarda e seis horas outra guarda.

GLORIA: E uma guarda era de três...

JOSE: Três homens.

GLORIA: Durante a viagem o que é que fazem?

JOSE: Durante a viagem faz-se guardas; três horas de guarda. Um homem faz o leme; guarda para três horas; outro vai fazer guarda por três horas, e assim sucessivamente.

GLORIA: E os outros que não estão de guarda?

JOSE: Estão a descansar para quando chegarem ao pesqueiro estarem frescos.

GLORIA: Durante... Sei que não tem muitas horas vagas, mas durante as horas vagas em que é que os homens se ocupavam?

JOSE: Ocupam-se a fazer tudo o que seja preciso para fazer no barco. A arranjar redes que estão por arranjar, ou a fazer coisas que estão por fazer, arrumar o barco, e de totalidade quando não há nada mesmo para fazer têm em que estar de guarda sentados, de guarda na cozinha. O lugar é a cozinha; estão lá sentados, à espera que aconteça qualquer coisa fora do normal para puxar a rede para cima.

GLORIA: E durante esse tempo o que é que eles fazem? Jogam cartas, lêem?

JOSE: Jogam cartas, lêem livros, vêem vídeos na televisão. Os que têm televisão, porque no meu tempo não havia televisões, pouco tempo havia para a ver se houvesse.

GLORIA: O que é que comem? As refeições típicas...? O pequeno-almoço, por exemplo...?

JOSE: Presentemente, quanto eu oiço falar, não há pequeno-almoço, é o *self*; cada qual faz o que quer. Ao almoço, quem faz o almoço é um tripulante ou um mestre, ou um contramestre; um habilidoso, que deixou de existir cozinheiros porque não há, não há número de homens para cozinheiros, embora nalguns barcos ainda haja um homem chamado cozinheiro. Porque eles próprios vão fazer os abastecimentos para o barco; vão fazer as *estoas* eles próprios, os homens, para poderem guardar mais algum dinheiro. Porque as *estoas* eram muito caras.

GLORIA: Portanto, quando o senhor tinha o seu barco, onde é que faziam as compras?

JOSE: Eu sempre fiz as minhas compras num mercado chamado *Ship Supply*. Porque era lá que eu fazia as minhas compras, mas hoje já pouca gente as faz. No peixe. Porque na escalopa ainda continuam a fazer no *Ship Supply* e em outras casas assim.

GLORIA: Mas agora ouvi dizer que vão a outros lugares como o *BJ's*...

JOSE: Sim, eles próprios vão fazer as compras; eles próprios, os camaradas. Os camaradas vão em grupo ao *BJs* e outras *estoas* mais. Não quer dizer que seja ao *BJs*, outras *estoas* mais; outros lugares mais.

GLORIA: O *Ship Supply* não era de portugueses, ou era?

JOSE: Não, o *Ship Supply*, no tempo que eu o conheci, salvo erro, eram noruegueses ou qualquer coisa assim; não eram portugueses; não era *estoa* portuguesa.

GLORIA: Quem é que decide onde é que se vai pescar?

JOSE: Quem é que me diz?

GLORIA: Como é que se decide? Por exemplo, saem para o mar e como e que sabem para onde é que vão pescar?

JOSE: Normalmente o mestre tem..., tem ideia. É o intuito do mestre ir para aquele lugar. Porque o mar é grande... Era grande, agora não é. Agora o mar é mais pequeno.

GLORIA: Como assim?

JOSE: Agora o mar esta dividido em secções. O mar está dividido em muitas secções e cuidado daquele que entre numa secção que não é permitido lá ir. Por engano ou não engano.

GLORIA: Há muitas?

JOSE: Muitas e muitas pesadas. Muitas pesadas. Se se entra para uma área ou uma secção onde não se pode pescar é bastante penoso.

GLORIA: Como, como é que navegam? Como é que sabem navegar para certos lugares? Têm aparelhos de navegação? É por memória?

JOSE: Sem aparelhos de navegação, se for com névoa é difícil, não há ninguém que consegue fazer isso. Poucos, poucos, são aventureiros. Dizer-lhe que há pessoas que navegam aqui nesta costa dos Estados Unidos sem aparelhos de navegação, não tenho conhecimento. Na costa de Portugal, sim. Navega-se sem aparelhos de navegação, ou navegava-se sem aparelhos de navegação; por conhecimentos de terra, por conhecimentos de luzes. Quando me refiro a terra, referiu-me a montes, a igrejas, a torres que estão em terra pela costa toda. Ultimamente, pelo desenho do radar; navega-se aqui, aqui nos Estados Unidos, pelo radar, pelo conhecimento de radar. Mas isso é uma aventura.

GLORIA: Portanto, durante... O senhor andou aqui na pesca durante quantos anos?

JOSE: A minha vida toda, desde os 14 anos.

GLORIA: Não. Aqui em New Bedford?

JOSE: Aqui em New Bedford? Aqui em New Bedford desde 1974 até 1900, até 2000...

GLORIA: 2006?

JOSE: 2002, 2006. À volta de 2006.

GLORIA: Portanto, bastantes anos, não é? Mais de 30 anos. 74 a...

JOSE: 30 e tal anos.

GLORIA: Viu muitas mudanças, na maneira que se pesca, nos tipos de regulamentos, mas também nas tecnologias usadas, nos tipos de peixe que se apanha, não sei. Pode-me falar nessas mudanças? Quais são as mudanças mais salientes para si?

JOSE: Em relação à quantidade de peixe, à captura?

GLORIA: Qualquer coisa. Quais foram as mudanças que o senhor presenciou esse tempo que esteve na pesca? As mais salientes para si?

JOSE: As mudanças? Não sei a que se refere.

GLORIA: Por exemplo, a maneira que se apanha o peixe houve mudanças na tecnologia, em tipos de redes?...

JOSE: Sim, sim. Hoje apanha-se peixe que se fosse antigamente apanhava-se o dobro do peixe. As redes são muito maiores. As redes são maiores e têm mais possibilidades de captura. Os barcos também têm mais força. Hoje em dia apanha-se mais peixe. Apanhava-se mais peixe se deixassem apanhar. Porque eu creio, eu acredito que o mar está cheio de peixe. Não o deixam apanhar. Não o deixam apanhar nos lugares que se pescava antigamente que havia muito peixe. A minha opinião pessoal, até estou de acordo com isso, porque se muito peixe se apanha mais barato se vende e isso não é rentável para o pescador – apanhar muito peixe para o vender mais barato. Embora eles pudessem dar mais um bocadinho de peixe.

GLORIA: É mais fácil também apanhar o peixe devido a ter mais aparelhos para localizar os cardumes?

JOSE: Torna-se mais fácil. Torna-se mais fácil devido à qualidade de aparelhos que têm presentemente. Têm bons sonares. Alguns barcos, não são todos que têm esse privilégio de ter os bons aparelhos, porque os donos dos barcos não ganham para ter bons aparelhos, presentemente. E quem os tem torna-se mais fácil. Mas também depende do mestre ou do capitão, como lhe queiram chamar. Cada cabeça, sua sentença.

GLORIA: As condições a bordo dos barcos modificaram-se também?

JOSE: As condições a bordo dos barcos são as melhores possíveis em relação ao nome de pesca. Têm boas comodidades, boa comida. Têm um bom quarto de banho... Presentemente, porque antigamente era um balde de madeira – era a casa de banho. A casa de banho era um balde de madeira.

GLORIA: Não se podia tomar chuveiro?...

JOSE: Não havia chuveiros; não havia nada. Eram panos que levavam para o barco para o motorista limpar a máquina. Molhava-se em água, em água doce ou salgada, e aí se lavava o corpo muitas das vezes com um pano molhado em água, ou doce ou salgada. Que muitas das vezes a gente pensava que a água doce era doce e não era doce era salgada...

GLORIA: Como assim?

JOSE: Estava lá um furo...

GLORIA: Ah! Em termos de comida que as pessoas comem, acha que...durante as viagens... acha que mudou ou está mais ou menos...

JOSE: Eu creio que não. Eu creio que não porque o português é um indivíduo que gosta de comer bem, e como tal, o português, ou o pescador, no mínimo, tem uma refeição ou duas por dia, agora.

GLORIA: Uma de carne e outra de peixe?

JOSE: Uma de carne outra de peixe. Mas muitos barcos há que só têm só uma refeição.

GLORIA: Ah sim?

JOSE: E durante o dia cada qual que faça para si. A comida está no barco, mas durante o dia cada qual que faça para si.

GLORIA: Isso é resultado, então, de...

JOSE: Isso é resultado das horas de descanso.

GLORIA: E de terem menos homens?

JOSE: Por vezes o pescador sente-se cansado e não quer comer. Mas a comida esta lá, que eles levam comida para o mar.

GLORIA: Que tipos de peixe se apanhava antes comparado com o que se apanha agora?

JOSE: A mesma qualidade.

GLORIA: Mas há espécies que não se apanhavam antes que se apanham agora?

JOSE: Não; as mesmas espécies.

GLORIA: Por exemplo, a raia...?

JOSE: Apanhava-se a raia; não se vendia a raia. Há muitos anos atrás a gente lidava com o problema da raia; apanhávamos, púnhamos fora. Hoje já se apanha raia. É um peixe bom. Faz sentido apanhá-la e trazê-la.

GLORIA: Há bocado falámos das regulações, dos regulamentos da pesca, podia-me falar de como é que essas mudanças afectaram os donos dos barcos? Aliás, o senhor já me falou disso, vendeu o seu próprio barco por causa das regulações, dos regulamentos...

JOSE: Devido às condições, devido às condições. Porque hoje em dia um barco está limitado a X quantidade de peixe para apanhar. Essa quantidade de peixe foi-lhe dada mediante a captura que ele fez nos últimos dez anos do dia que saiu aquela lei – a lei saiu hoje e eles foram dez anos para traz buscar a captura daquele barco. Aí foi-lhe dada a quantidade para ele poder pescar.

1:15:00 MARK

Não quer dizer que isso seja suficiente; que não é. Não é, e a prova que não é, é quem é dono dum barco tem que comprar mais captura ou mais peixe para poder sobreviver. E não está ao alcance de qualquer um, dono de barco, comprar peixe para poder sobreviver. E então eles têm-se obrigado a comprar ou estão a desistir. E não que queria comprar, eu não quis comprar... Vendi. Desisti.

GLORIA: E como é que tem afectado os homens, os pescadores, os camaradas?

JOSE: Com as novas leis que existem, afecta os pescadores porque os pescadores têm que pagar tudo.

GLORIA: Portanto, eles têm que pagar pela compra dessas...

JOSE: Têm que pagar pela compra do peixe. O próprio pescador vai apanhar peixe, mas vai pagar o peixe que vai apanhar. O sistema é este. É o sistema. O pescador é a tal bóia que anda no mar a flutuar ao som do vento e das marés. Vai e vem. Que não tem, não tem, nem sei se há possibilidades de ter. Mas que o pescador tem que pagar para apanhar peixe... Antigamente pagava para ir para o mar, que eram os dias: Quer ir para o mar? O pescador tem que comprar dias para ir para o mar. E agora tem que comprar peixe para ir apanhar peixe. Em minha

opinião, errado a mil por cento. Fui dono de barco, já disse, não concordei. Não estava contente – desisti. Não sou um falhado na minha vida profissional, como mestre de barco, nunca foi um falhado. Mas desisti porque as condições obrigaram-me; a minha honestidade obrigou-me a desistir.

GLORIA: Como é que acha que os novos regulamentos afectaram os *stocks* de peixe? Acha que é bom, que estão a protegê-los?

JOSE: Eu penso que eles pensam que estão a proteger os *stocks*. Não tenho conhecimento porque aí estou fora da pesca.

GLORIA: O que é que acha que foi o efeito dos regulamentos no ambiente em geral, acha que foi bom, foi mau, indiferente?

JOSE: O que levou a pesca a esta situação? Talvez nos anteriores terem sido muita...

GLORIA: Acha então que nos anteriores...

JOSE: Se excederam na captura. Foi um excesso de muita captura. Isso também levou ao facto que eles... Mas isto é um ciclo do mundo, eu creio. Pela experiência que eu tenho de pesca, isto é um ciclo. Na minha terra houve peixe. Já houve menos e agora há muito outra vez, em Portugal. Eu penso que isto também é um ciclo. Mas também creio, e também estou de acordo com os senhores da pesca, os senhores dos regulamentos da pesca, porque se deixassem o pescador apanhar peixe, o pescador apanhava o peixe todo num dia. Ele secava o peixe num dia.

GLORIA: Então agora para terminar gostava que me falasse da sua vida em terra. Por exemplo, quando o senhor andava no mar, quando chegava, quando vinha para terra, o que é que fazia? Como é que passava os seus dias?

JOSE: Eu quando andava ao mar, vinha para terra e ia com os meus camaradas, as esposas dos meus camaradas, íamos para o restaurante, comíamos, bebíamos, brincávamos e assim passávamos. Dos três ou quatro dias, um dia era passado assim. E os outros dias, éramos, era arranjar o que estava estragado no barco. Das oito ao meio dia, arranjar o que estava estragado no barco – as redes... E **ia puxar** o barco para depois no dia de ir para o mar o barco estar pronto.

GLORIA: Portanto, quando o senhor... Quem é que administrou o dinheiro em casa? Era o senhor ou era a sua mulher?

JOSE: Foi a minha mulher. Administrou e administra.

GLORIA: Qual era o seu papel? O seu papel era fazer dinheiro?

JOSE: O meu papel, toda a vida, foi fazer dinheiro e dar-lhe a ela. Mas em colaboração os dois. O gasto é feito pelos dois... Mas o governo da casa é feito pela minha mulher.

GLORIA: Quem faz o serviço de casa?

JOSE: Quem fazia o serviço de casa? Quem fazia o serviço de casa era a minha mulher. Fazia e faz.

GLORIA: Disse que saía com a sua mulher e os seus amigos. Os seus amigos eram portugueses, eram de outros grupos étnicos?

JOSE: Eram todos portugueses. Na altura que eu andava na pesca os meus amigos eram os meus camaradas e era com eles que eu ia para fora; com eles e com as mulheres deles, muitas vezes.

GLORIA: Vai à igreja, é religioso?

JOSE: Sou religioso; não vou à igreja.

GLORIA: É católico?

JOSE: Sou católico.

GLORIA: Faz parte de clubes? Sei que faz parte deste, por exemplo...

JOSE: Faço parte deste clube.

GLORIA: Tem outros clubes a que pertence?

JOSE: Não, só este.

GLORIA: Falou-me que gostava muito de futebol. Continua a gostar de futebol?

JOSE: Gosto de futebol e...gosto de futebol.

GLORIA: Portanto, os seus amigos são os seus camaradas. São todos continentais ou são também açorianos?

JOSE: Eram continentais e açorianos.

GLORIA: Continua ligado à sua terra de origem, a Matosinhos? Vai lá, tem amigos...?

JOSE: Vou lá. Vou lá quando posso. Já não vou lá há dois anos, mas em tempos ia lá todos os anos.

GLORIA: Tem lá a sua irmã, não é? Foi o que disse.

JOSE: Tenho lá a minha irmã e os meus irmãos.

GLORIA: Não quiseram vir para aqui?

JOSE: Nenhum deles quis vir para cá. Tenho um irmão que está no Luxemburgo, os outros estão lá.

GLORIA: Participa em festas? Por exemplo, vai à festa dos Madeiras...?

JOSE: Não, não. Não gosto muito de festas. Por natureza própria não sou., não sou muito festeiro.

GLORIA: Não?

JOSE: Não. Gosto de ir a uma festa com pessoas amigas. Com pessoas amigas. Estar com pessoas amigas, mas não andar num aglomerado muito grande de pessoas.

GLORIA: Agora como é que passa os seus dias uma vez que está aposentado?

JOSE: Estou aposentado. Passo os meus dias no *Fishermen*. Casa para o cais, do cais para casa, de casa para o *Fishermen*...

GLORIA: E o que é que vai fazer ao cais?

JOSE: Vou matar saudades. Vou ver os barcos. Vou ver os barcos... Vou sonhar a vida que passei!...